

ID: 47020938

06-04-2013 | Atual

EXPOSIÇÕES



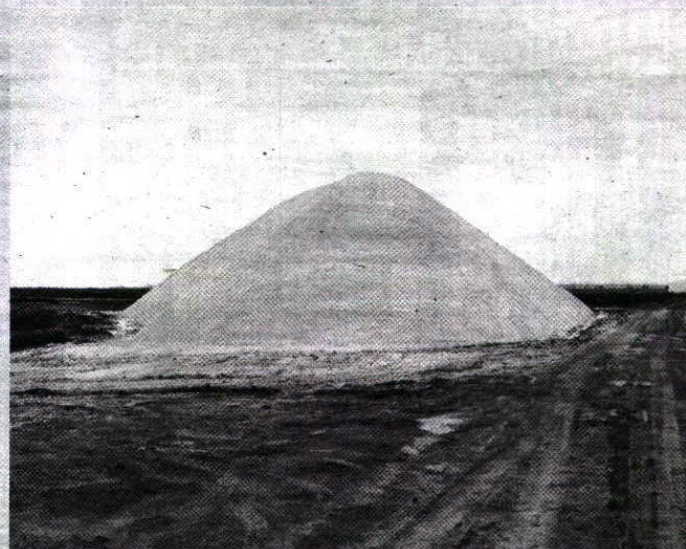
DIÁLOGOS COM IMAGENS

Em maio conheceremos o vencedor do BES Photo 2013. Antes da inauguração da exposição de finalistas, o Expresso faz uma viagem pela história do galardão

Texto **Celso Martins**

Foi em 2004. O Banco Espírito Santo associava-se ao Centro Cultural de Belém (e depois ao Museu Coleção Berardo) e criava um prémio de fotografia de valor pecuniário sem precedente entre nós (15 mil euros). Na verdade, o galardão era uma parte importante de uma estratégia de intervenção no campo da criação artística a partir da fotografia e que contemplava uma coleção já iniciada e, também, um prémio de revelação de novos artistas, em parceria com o Museu de Serralves.

A criação do prémio reflete a vontade mecenática de uma instituição privada no campo das artes, mas é ainda sintomática de uma realidade mais abrangente no panorama artístico português: a expansão da presença e legitimidade da fotografia como veículo artístico. Depois de um processo de relegitimação iniciado nos anos 80 com exposições que reavaliavam e revalorizavam a história da fotografia (em que há que destacar a iniciativa da Galeria Éter e de António Sena), a imagem fotográfica conheceu um novo incremento da sua presença pública entre nós e uma reorientação da sua utilização no início deste século.



Fotos de José Luis Neto, Mauro Pinto, Edgar Martins e Filipa César (da esq. para a dir.), alguns dos vencedores anteriores do Prémio BES Photo, que este ano será disputado por Albano Silva Pereira (Portugal), Filipe Branquinho (Moçambique), Pedro Motta (Brasil) e Sofia Borges (Brasil)

Por essa altura, passa a ser aceite mais facilmente no circuito galerístico e torna-se habitual em museus e centros de arte contemporânea, mas, sobretudo, passou a ser utilizada como meio recorrente nas estratégias criativas dos artistas.

As escolhas efetuadas pelos júris de seleção e premiação para as primeiras edições do prémio refletem precisamente essa centralidade da imagem fotográfica no seio das práticas contemporâneas, ao mesmo tempo que, implicitamente, lateralizam os contextos mais tradicionais em que esta assumia visibilidade, como o fotojornalismo, a fotografia de autor ou a imagem documental.

Por exemplo, Helena Almeida, que venceu a primeira edição do prémio, sempre utilizou a imagem fotográfica como meio para desconstruir a pintura, e, de uma forma ou de outra, os nomeados que a acompanhavam nesse ano (João Tabarra, Vítor Pomar e Nuno Cera) viam na fotografia um meio ao serviço das chamadas artes plásticas.

A segunda edição, que pôs a concurso António Júlio Duarte, José Luís Neto, José Maças de Carvalho e Paulo Catrica, equilibrava a fotografia documental e a fotografia "artística", mas entregava significativamente o prémio a José Luís Neto, um fotógrafo cuja especulação metafotográfica não encaixava nem numa categoria genérica nem na outra.

Já na terceira edição, Daniel Blaufuks foi premiado com o seu registo poético e diarístico, historicamente ancorado.

A quarta edição apresentava apenas três candidatos e foi ganha com naturalidade por Miguel Soares, um artista cujo trabalho apresentado integrava predominantemente o vídeo. Na verdade, o prémio teve desde o início o mérito de não ignorar as rela-

ções da imagem fotográfica com a imagem em movimento, o que passa por reconhecer a dificuldade em definir os limites e a natureza do fotográfico num mundo em aceleração tecnológica.

Mas é a partir da quinta edição que o prémio, seguindo uma tendência internacional, começa a ser mais sensível à importância da fotografia documental, premiando Edgar Martins nesse ano.

Na sexta edição, os fotógrafos selecionados (André Cepeda, Patrícia Almeida e Filipa César) apresentam todos, ainda que de modo distinto, inquietações da realidade social, ganhando Filipa César com um trabalho em filme que fazia uma *sui generis* revisão histórica e, como salientava o júri de premia-

Olhar em retrospectiva a história do Prémio BES Photo é descobrir uma premiação que foi calibrando consecutivamente o seu figurino, o que a tornou capaz de envolver alguns dos protagonistas fundamentais da prática fotográfica contemporânea nos seus mais diversos entendimentos

ção, era capaz de envolver "a história de Portugal, a censura e a moral salazarista, o degredo, a homossexualidade feminina, o trabalho e a matéria".

A edição seguinte marca uma transformação radical no desenho do galardão. O valor do prémio alarga-se para 40 mil euros e à parceria entre o Museu Coleção Berardo e o Banco Espírito Santo vem juntar-se a Pinacoteca de São Paulo, estendendo-se o âmbito de seleção a fotógrafos oriundos de Angola, Brasil e Moçambique, cobrindo-se assim grande parte do universo lusófono. Curiosamente, nesse ano (em que concorrem Kiluanji Kia Henda, de Angola, Mário Macilau, de Moçambique, e o brasileiro Mauro Restiffe), o prémio é entregue à portuguesa emigrada em França Manuela Marques, adiando-se assim, circunstancialmente, a estreia de um não português como vencedor.

O moçambicano Mauro Pinto viria a surpreender quase tudo e todos ao vencer a última edição com as suas impressionantes imagens de interiores silenciosos do bairro da Mafalala, em Maputo, cumprindo desse modo uma das funções implícitas do prémio: a possibilidade de, através da imagem, pôr o público diante de realidades distantes e distintas.

Olhar em retrospectiva a história do Prémio BES Photo é descobrir uma premiação que foi calibrando consecutivamente o seu figurino, o que a tornou capaz de envolver alguns dos protagonistas fundamentais da prática fotográfica contemporânea nos seus mais diversos entendimentos. Depois da abertura do BES Photo ao espaço lusófono, o que o transformou no maior prémio do Atlântico Sul dedicado à fotografia, seria interessante torná-lo numa iniciativa totalmente global, sem restrições nacionais e entregue à língua franca das imagens. ▲



BES PHOTO